

Versión digital en :

<http://www.uam.es/mikel.asensio>

## Entre benzeduras, ervas e rezas: A ação política e cultural das benzedoras da Lomba Do Pinheiro, porto alegre, Brasil

Ana Maria Dalla Zen<sup>1</sup> Cláudia Feijó da Silva<sup>2</sup> Antonio Morates<sup>2</sup>  
Aline Portella<sup>1</sup> Daniela Amaral da Silva<sup>2</sup> David Kura Minuzzo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
<sup>2</sup> Museu da Lomba do Pinheiro

---

**Resumo:** Relata pesquisa realizada no bairro da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS, Brasil, a fim de preservar a memória das práticas de rezas, benzeduras e uso de plantas medicinais por mulheres do bairro, como solução de problemas de saúde de uma comunidade praticamente sem assistência, com altos índices de vulnerabilidade social. Utiliza a metodologia da história oral, sob a forma de encontros denominados de Rodas de Memória, para registrar os saberes populares envolvidos nas orações e produção de medicamentos fitoterápicos e, assim, incentivar o sentimento de pertencimento social, consciência coletiva e auto-estima desses agentes sociais. Analisa a benzedura, a oração e o uso de plantas medicinais como práticas sociais e políticas reconhecidas pelo grupo de pertencimento das benzedoras. Destaca o papel da ação das mulheres no combate à exclusão social. Os resultados serão disponibilizados on-line, e criados viveiros de plantas medicinais junto ao Museu. Ressalta o papel do Museu como um lugar permanente de encontro entre as benzedoras e a comunidade. Conclui que se trata de uma prática política, religiosa e cultural surgida como resposta aos problemas cotidianos e estratégia de resistência, num dos bairros de mais elevados índices de exclusão econômica e social de Porto Alegre. E que o registro desse processo se caracteriza como uma ação de preservação do patrimônio da cultura imaterial do bairro.

**Palavras-chave:** Cultura imaterial. Saberes populares. Museus comunitários.

**Abstract:** *The paper reports the results of a research work carried out in the neighborhood of Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Brazil. It aimed to preserve the memory of the practices of prayers, blessings and use of medicinal plants by local women, as the solution for health problems in a neighborhood with virtually no assistance and with high levels of social vulnerability. It employs oral history methods in the form of meetings called Wheels of Memory, to record the popular knowledge involved in prayer and production of herbal medicines and thereby encourage a sense of social belonging, collective consciousness and self-esteem of these social agents. It analyzes blessings, prayers and the use of medicinal plants as social and political*

*practices recognized by the group of traditional healers. It stresses the role of women's action in combating social exclusion. The results will be available online, and nurseries of medicinal plants will be created next to the Museum. It emphasizes the role of the Museum as a permanent meeting place for healers and the community. It concludes that the phenomenon is a political, religious and cultural practice created in response to everyday problems and as a resistance strategy, in one of the Porto Alegre's neighborhoods with the highest levels of economic and social exclusion. The registration of this process is an act of preservation of the neighborhood intangible cultural heritage.*

**Keywords:** *Intangible culture. Popular knowledge. Community museums.*

---

### **Introdução**

O uso de plantas, na cultura humana, se constitui de uma prática milenar que permanece até hoje. As primeiras civilizações cedo se perceberam a existência, ao lado das plantas comestíveis, outras dotadas de maior ou menor toxicidade que, ao serem experimentadas no combate à doença, revelaram, embora empiricamente, o seu potencial curativo (CUNHA, 2011). Toda essa informação foi sendo, de início, transmitida oralmente às gerações posteriores. Esse homem primitivo, a exemplo de muitas pessoas hoje, buscava na natureza a solução para a cura dos mais diversos males que afetam sua saúde. No entanto, muitas vezes essas curas entram para o contexto espiritual, surgindo os feiticeiros, curandeiros, xamãs e benzedeiros, pessoas às quais cabe a tarefa de livrar o corpo e a alma das enfermidades, fazendo assim a ligação entre a magia, religião e saúde.

Os novos modelos de saúde surgidos a partir da evolução da ciência do século XVI em diante, excluíram o uso de plantas medicinais, benzeduras e orações, consideradas não científicas, nem experimentais ou racionais. Elas então foram rebaixadas à condição de simples saberes populares, ligados à superstição ou até mesmo bruxaria. Mesmo assim, elas persistiram e hoje, em pleno século XXI, permanecem vivas.

Embora a Medicina tenha obtido sucessos sem limites na erradicação de doenças, e consiga resultados significativos para o bem estar, saúde e equilíbrio das pessoas, as práticas mágicas de intervenção no corpo permanecem vivas e atuantes, particularmente nas comunidades tradicionais ou de baixa renda. Já que os avanços da medicina eram para poucos, as práticas da benzedura, do uso de plantas medicinais e de rezas, permanecem sendo utilizadas, particularmente entre

as classes populares. O uso terapêutico de plantas, por sua vez, foi apropriado pelo meio científico, e hoje é considerada uma estratégia complementar à medicina.

O interesse nesse assunto nasceu quando se iniciou uma pesquisa junto ao bairro Lomba do Pinheiro, na periferia da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, para recuperar as práticas culturais daquela comunidade, que se constituíssem em elementos de preservação do patrimônio da cultura imaterial do bairro. Dentre elas, uma das primeiras a chamar a atenção foi o uso de plantas medicinais, benzeduras e orações para cura de doenças do corpo e da alma. Identificaram-se, de imediato, cerca de doze mulheres (e um homem) que são reconhecidos pela comunidade como os detentores desse saber, e que são procurados cotidianamente pelos moradores da região. Percebeu-se que, além dessas pessoas, há uma prática entre as famílias em cultivar, em seus jardins ou hortas, uma variada série de plantas medicinais. Talvez isso ocorra por se tratar de um bairro que mantém as características rurais que o constituíram, no qual parcela da população permanece vivendo em sítios e pequenas chácaras, voltadas à agricultura e à pecuária.

Aliado a isso, é um dos bairros que apresenta os maiores índices de exclusão social de Porto Alegre, cuja precariedade dos recursos públicos de saúde somente há pouco vem sendo solucionada. Desse modo, o uso de plantas medicinais se configurou historicamente como uma estratégia de cura, não preferencialmente, mas em substituição aos serviços médicos.

Então, o que faz com que essa prática sobreviva? Como as mulheres detentoras desses saberes se enxergam? O que leva essas pessoas a oferecerem essas alternativas para solucionar doenças e inquietações humanas? Qual é o papel político e cultural que essas pessoas representam junto à comunidade. Essas indagações deram origem a este trabalho, cujo objetivo não foi de incentivar o uso de ervas ou benzeduras, mas registrar essa prática como forma de preservar o patrimônio cultural que a ação dessas mulheres envolve.

A investigação é resultado de uma proposta de integração entre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através das disciplinas de Ação Educativa em Museus Comunitários e Metodologia da Pesquisa em Ciências da Informação, para incentivar a experimentação de conteúdos de sala de aula numa experiência de investigação e de extensão universitária em periferias urbanas. O Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, por sua vez, fundamenta-se no conceito de Hugues de Varine

(2011), de que eles se caracterizam pela valorização das pessoas. São elas que produzem, conservam e transformam esses acervos, a partir de suas memórias, narrativas e experiências de vida. A ação dos museus comunitários se volta às pessoas, às comunidades, e incentivam o desenvolvimento local sustentável. Ao invés dos museus tradicionais, que se centram em seus acervos e edifícios, os museus comunitários os consideram tão somente como um pretexto para o desenvolvimento comunitário. E assim, complementa Chagas (2011), todos esses elementos, as coleções, os acervos, o patrimônio, o local, passam a ser estratégias de desenvolvimento e mudança social. Nesse sentido, o Museu da Lomba, nascido por iniciativa e interesse do próprio bairro, ao invés de edifício, trabalha com a idéia de território; em lugar de coleção, a idéia de patrimônio, e ao invés de público, a idéia de comunidade ou de sociedade local.

Portanto, o trabalho se relaciona diretamente a essas perspectivas de ação, e, a partir da conexão universidade-comunidade, foi iniciada em 2010, sob a forma de uma pesquisa-ação, que partiu do levantamento entre os moradores mais antigos que moram no bairro, desde as décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960. Dentre eles, foram identificadas oito pessoas, ligadas às benzeduras e orações e outro ligado à utilização de ervas e chás. Para coleta dos depoimentos, foi utilizada a metodologia da história oral, através da realização de encontros, denominados Rodas de Memória. Sob a forma de grupos focais, as Rodas de Memória foram conduzidas por mediadores que realizaram perguntas para melhor direcionamento das conversas, em torno dos temas a serem abordados. Mediante prévio consentimento dos participantes, os relatos foram gravados em áudio e vídeo, sendo alguns recortes apresentados neste trabalho.

### ***Religiosidade & ação política das mulheres da lomba do pinheiro***

A religiosidade popular, expressa pelas benzedeadas, reúne elementos da herança indígena e africana. Cavalcante e Chagas (2011, doc. eletr.) lembram que, hoje, embora as benzedeadas não sofram conseqüências físicas por sua prática médico-religiosa, essa forma de terapia é vista como algo supersticioso e sem valor. A igreja é dúbia, sendo a religiosidade popular aceita por alguns padres, enquanto outros a vêem com desdém. A maioria, contudo, as condena, sobretudo pela prática da benzedura. Mas, mesmo assim, em especial nas periferias urbanas, elas continuam praticando o seu ofício. Todavia, para isso, devem reinventar a sua ação a todo o momento, resistindo a uma sociedade que busca, ao invés da heterogeneidade cultural, a sua homogeneização:

[...] esquecendo toda a diversidade constituída historicamente ao longo do tempo, sempre prontas a intermediar as pessoas que a procuram com o sagrado, restaurando a saúde fragilizada e produzindo respostas alternativas às que o saber oficial produz, agindo assim politicamente e revelando que as práticas populares, longe de serem sem valor, funcionam tanto quanto as práticas médicas e religiosas oficiais.

Nas falas das pessoas ligadas às rezas, notamos uma forte crença nessas práticas ritualísticas, e que a busca por rituais de rezas e benzeduras se mantém muito popular na Lomba do Pinheiro, bem maior do que se imaginava de início. Tais rituais, na prática, se concretizam através da utilização de pequenos ramos, caules e folhas de determinadas plantas, acompanhados de orações. Todos os rezadores entrevistados afirmaram ser católicos, e a maioria freqüenta missas e pratica os demais rituais da Igreja. Quando indagados sobre onde e como aprenderam a utilizar as rezas e benzeduras para curar, as respostas convergiram: trata-se de um conhecimento calcado na tradição, que é repassada oralmente de uma geração para outra. E que todos estão preocupados em repassar seus saberes para pessoas próximas, como parentes e amigos.

Já entre aquelas que utilizam ervas e chás, as suas manifestações evidenciam que a maioria possui conhecimentos básicos sobre fitoterapia, adquiridos através de contatos com especialistas ou leituras e estudos. Todavia, o uso das plantas é, acima de tudo, considerado uma prática cultural, através da qual essas pessoas se tornam figuras respeitadas junto à comunidade, e sejam consideradas como as mantenedoras do saber e dos rituais de cura através do uso de plantas:

Meu nome é Cládis Marta Lenhares de Bezina [...] eu faço um trabalho com os alunos com ervas medicinais, colégio Irmão José Dario, que hoje é de detentos, são reeducandos, quer dizer acho que a palavra ree nem cabe, até porque se fossem educados não estariam lá. Mas se usa esse termo reeducando [...] Além de ser educadora, eu ensino como as receitas, então a gente faz varias receitas, como condimentos com ervas finas que a gente planta. A gente também faz xarope, essa semana eu fiz um remédio para a sinusite [...]

Outro aspecto interessante a ressaltar é que o grupo mantém o hábito de trocar plantas entre si. E, quando alguém conhece algo novo, de imediato preocupa-se em repassar para as demais. Elas destacam também que, à semelhança das benzedeadas, o seu conhecimento é considerado um dom divino, o que torna a atividade uma obra de caridade. E, como tal, não pode ser cobrado. Mas, na

manifestação da D. Cládis, percebe-se que, diante das necessidades econômicas, a venda das mudas é aceita:

Temos uma porção de plantas medicinais, que se planta e vende mudas. Faço também os doces, conserva de figo de laranja de abóbora, que se distribui para eles e se comercializa pra repor os gastos [...]

Nesse processo, a fé é o elemento mais importante, para quem presta o serviço, como para aquele que o recebe. Caso contrário, a cura não se efetiva:

Meu nome é Maria Dorvalina [...]. Sim, a mãe fazia muitos chás, e a gente morava no interior, não ia ao médico, o nosso remédio era chá caseiro, e a gente melhorava, porque agente tomava com fé[...] era muito engraçado a gente tomava aquilo e melhorava[...] tomava aquilo com uma água bem geladinha com aquele remédio e a gente sarava daquele problema. Porque a mentalidade da gente ajuda muito. A fé é muito importante, senão não dá certo [...] no interior agente não tomava remédio era só chá. E nem precisava, como eu estou dizendo, a fé ajuda muito, a fé cura. Então a gente tomava aquilo ali, se convencia que ia melhorar[...] a mãe meu deu tal chazinho assim então eu vou melhorar. E a gente melhorava mesmo.

O poder político dessas mulheres fica claro na forma como interferem em seus cotidianos de trabalho e na consciência que possuem acerca das condições de exclusão envolvidas em sua atividade. Exemplo disso é a D. Cládis, professora, que ensina de uma forma muito particular o uso de plantas medicinais:

O meu colégio fica no fundo da Faculdade de Agronomia, passa o colégio Desiderio Finamor e vai no caracol lá em cima, dois quilômetros adiante, onde era a antiga FEBEM, que saiu e entrou a SUSEPE. Antigamente era a Escola Técnica de Agricultura. [...] Brizola, Jair Soares, João Dib, eles todos foram internos lá. Mas hoje é um presídio mesmo. A escola, que eram da FEBEM, continuou como escola de educação especial,. A gente trabalha muito diferente. Eu aproveito, todo, todo o material que eu tenho para trabalhar. Por exemplo, se eu for trabalhar a letra S, utilizo o chá de sálvia e então vamos fazer as mudas, sabão, a gente integra tudo. A idade dos alunos?Depende. No momento, acho que o mais novo tem vinte e três e o mais idoso tem sessenta e quatro, tem de todas as idades.

A D.Vanilda reafirma que se trata de um trabalho de caridade, que não é cobrado. No máximo, são coletados materiais básicos para a produção, porém sem qualquer outro tipo de valor monetário que não o de cobrir os custos:

Sim, na época que eu trabalhei ali na paróquia, a época que eu trabalhei ali muita gente procurava. A também ensina a fazer, mas é para o pessoal da comunidade, que são os que têm mais dificuldades de ir ao médico, essas coisas. Então a gente ensinava muito, dentro do nosso trabalho da pastoral a gente ensinava a usar as ervas. E então, quando a gente fazia, vendia. Bom, não era bem vendia. Alguém doava alguma coisa para que se prodesse comprar mais produtos para a gente continuar a fazer. Mas não era nada vendido assim, até mesmo porque na pastoral da criança tudo era doado, era ensinado era doado, só não usava quem não queria mesmo. E agente curou ali mesmo, agente curuo, dentro do nosso trabalho da pastoral da criança agente curou muitas crianças, muitas pessoas.

Em seu relato, D. Cládis também se refere ao apoio da igreja católica, através dos freis franciscanos que participam da vida da escola, através da Pastoral Carcerária:

Sou professora do estado. Tenho duas matrículas, então trabalho de manhã e de noite. Mas hoje é dia que eu devia ser três. Eu deveria estar aqui na escola, porque nas terças-feiras, uma semana à tarde e outra à noite, para fazer um trabalho com eles. Então eles estão cuidando mais a parte da horta e eu cuido a parte das plantas medicinais.

Evidencia-se que a igreja católica desempenha também um papel pedagógico, ao ensinar as mulheres a utilizarem as plantas medicinais de acordo com os conhecimentos científicos acerca de seu uso, ao capacitá-las para o próprio ensino da prática e ao incentivar o seu uso terapêutico de forma adequada. A D.Vanilda, nesse sentido, assim destaca esse apoio:

[... a gente sabe que faz bem, há muitos anos a gente trabalha nisso. Eu também ensino, nos cursos de capacitação da pastoral da criança que eu dou. Agora existe uma capacitadora só para isso ai. Mas ela é mais capacitatadora de segurança alimentar, então trata de todo o tipo de alimento, e também tem separada a parte da saúde, que faz chás, ervas, pomadas. Nós mesmos trabalhamos com esses materiais. Tinha até uma farmacinha com pomada, com chás de tudo que é tipo. Agora vai abrir de novo ali na [parada] dez.

Como se viu acima, a escola a que D.Cládis se refere é num presídio, cujas condições ela descreve de forma crítica e consciente do papel que faz:

Tem um xarope que agente faz para gripe, tuberculose que nós temos muitos casos lá então.. Não precisam me olhar com susto, mas 90% 95% dos brasileiros

já estão contaminados pela tuberculose só que não se desenvolve. É uma doença que nunca foi erradicada. Então, como para mim vêm muitos do presídio central direto, é impressionante o que vem de gente com tuberculose, bastante mesmo, então a gente tem algumas plantas, como a pulmonária essa que é para o pulmão e mais algumas coisas. Quando eles vêm tossindo assim, eu penso ai meu deus, daí corro lá e pego uma pulmonária, que ela antes falou para comer com ovo batido, omelete, a mãe fazia muito a tal da pulmonária. Mas eu tenho a minha restrição devido a quantidade, ai tu vai comendo uma gordurinha, friturinha ai tu pode passa das medidas, qualquer chá é remédio, só tem que ter um pouco de cuidado com a dosagem. Então faz o chá da pulmonária, eu dou o chá da pulmonária de três a quatro dias, tem que toma rigorosamente, então no sexto dia, passou. Passou, professora, ninguém mais tosse.

A sua relação é de um poder inclusivo, de carinho e acolhimento, como estratégia única a que eles podem recorrer, e, assim, reconhecem a ação da professora, D. Cládis:

É, eles aceitam muito bem, eles gostam. Quando comecei a trabalhar pensei assim... que ia ser complicado trabalhar com eles com as plantas medicinais. E, para a minha surpresa os que eu não trabalhei, estão sempre atrás de mim pedindo também que tivessem a oportunidade. Eles gostam muito, agora eu estou sem horário. Mas eu pegava as turmas ia lá fazia os canteiros fazia as mudas, cuidava das plantas em si, e os maiores de quinta a oitava iam trabalhar [...] , então até hoje eles me cobram quando eles querem chá[...] Como eles não tem medicamento, eu não posso dar um paracetamol assim para eles, comprimido, não posso não tenho autorização é proibido. Mas eu posso da um chá, então eles vêm muito atrás de chá para muitas coisas, então a gente vê lá.

Os resultados parciais da investigação já foram divulgados através de exposição, aberta ao público no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, desde maio de 2011. O seu impacto se fez sentir de imediato, com críticas de determinados grupos do bairro, que viram na valorização dessas pessoas uma forma de incentivar a comunidade a substituir os serviços públicos de saúde pela busca a essas alternativas de medicina popular. O objetivo do trabalho, longe de ser esse, previa, como se disse no início deste trabalho, apenas a recuperação da memória dessas práticas sociais, enquanto elementos do patrimônio local. Com os documentos produzidos, foi possível ampliar o acervo da instituição e contribuir com a guarda e preservação da memória cultural do bairro. Trata-se de um patrimônio que se constitui em capital simbólico para a comunidade, e que contribui para incentivar o



sentimento de pertença entre as pessoas. A valorização dos elementos da cultura local, objetivo permanente do Museu, é uma estratégia eficaz para incentivar o aumento da auto-estima entre os moradores, que passam a se ver como pertencentes ao patrimônio local nas vozes de seus atores sociais, como é o caso das benzedeadas.

### ***Considerações finais***

A partir das primeiras rodas de memória, buscou-se incentivar os entrevistados a percebessem o valor de suas memórias e histórias de vida, tanto como estratégias políticas de sobrevivência numa sociedade pouco inclusiva, em especial para a Lomba do Pinheiro, comunidade de periferia que, à semelhança de milhares de outras em diferentes cidades do mundo, permanece à margem dos avanços da ciência tradicional. O alto custo da medicina contemporânea, a baixa qualidade dos serviços públicos prestados, a falta de políticas públicas para os mais pobres, tudo isso permite que a ação daquelas mulheres permaneça como uma alternativa para minimiza o problema.

Esta pesquisa, enquanto ação de um museu comunitário e integrada ao curso de Museologia se propôs a tão somente registrar parte da história de resistência do bairro, nas vozes de seus próprios atores sociais. Trata-se de uma forma para promover a aproximação entre os antigos e atuais moradores da comunidade. Através dos processos de comunicação oferecidos pelas ações museais, sob a forma de exposições, documentários e artigos científicos, pretende-se que permita a troca de saberes entre moradores e favoreça a valorização e o reconhecimento dos diferentes grupos que se preocupam com a criação de laços de pertença mais consistentes no bairro Lomba do Pinheiro.

A partir da exposição, já puderam ser avaliados os impactos e as mudanças surgidas dentro da comunidade, no que se refere ao aumento da auto-estima e do sentimento de pertencimento ao bairro. Para o curso de Museologia, por sua vez, significou a inserção de seus alunos numa prática pedagógica que estabelece as necessárias relações entre a teoria e a prática, dentro do cotidiano de um museu comunitário, formando não apenas o pesquisador, mas também o caráter do cidadão. Porém, enquanto integrante de uma das principais universidades do País, o curso de Museologia sugere o engajamento, nessa ação, de outros cursos da UFRGS, em especial aqueles relacionados à fitoterapia, para que essas práticas populares sejam autorizadas pelo conhecimento científico.

Hoje, novos paradigmas orientam a produção do conhecimento. Em sentido inverso às concepções mais tradicionais, há cada vez mais brechas para o ingresso de diferentes formas de saber, para o reingresso das emoções, da espiritualidade e da tradição ao mundo acadêmico. A complexidade do mundo contemporâneo tem permitido que novos olhares sejam lançados às estratégias populares de sobrevivência que a sociedade cria diante da inoperância dos serviços públicos de saúde. Quem sabe, agora, seja o momento de trazer as benzedeadas da Lomba do Pinheiro para dentro da Universidade, invertendo o processo iniciado por este trabalho.

### ***Referencias Bibliográficas.***

---

**CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque.** Religiosidade popular e catolicismo oficial: o eterno contraponto. Disponível em:

<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/religiosidadepopular-N1-2003.pdf>

Acesso em 10 de março de 2011.

**CAVALCANTE, Joel Martins; CHAGAS, Waldeci Ferreira.** As mulheres benzedeadas: entre o a saúde e a política. In: II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: cultura, leituras e representações. Disponível em:

<http://www.seminariogeneroufrpb.org/>. Data de acesso: 30 de junho de 2011.

**CHAGAS, Mario.** Entrevista concedida a Ângelo Vahoni, em 27 de agosto de 2009. Disponível em :

<http://www.vanhoni.com.br/2009/08/mupe-museu-de-periferia-do-sitio-cercado-entrevista-com-mario-de-souza-chagas-diretor-de-centros-museais-do-ibram/>. Data de acesso: 24 de julho de 2011.

**CUNHA, António Proença Mário Augusto da.** Aspectos Históricos Sobre Plantas Medicinais, seus constituintes ativos e fitoterapia.

Disponível em: <[http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/aspectos\\_historicos.pdf](http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/aspectos_historicos.pdf)>.

Acesso em: 14 ago. 2011.

**INOCÊNCIO, Doralice.** Entre a ciência e a crença: A postura médica frente à “Cura Religiosa”. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_3/03.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_3/03.pdf)>.

Acesso em: 13 ago. 2010.

**VARINE, Hugues de; MIRANDA, Odalice Priosti.** O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. Cadernos de Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona, n.28, 2007. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/512/415>